

CORDELIZANDO OS ANIMAIS



Josemário dos Santos Fernandes

Bem-te-vi voar sereno
Meu beija-flor-do-sertão
Pairando com harmonia
Feito canto de azulão.
Meu bonito contemplar
Arara-azul-de-lear
Meu sofrê corrupção.

Meu santo papa capim
Caboclinho cantador
Santidade cardeal
Assovia com primor
No bioma brasileiro
Bem no reino catingueiro
Cancão é rei imperador.

Quando a chuva molha o chão
Tiziu pula de alegria
Bigodinho se acasala
Numa bela cantoria
Gavião voa rasteiro
Pega pinto no terreiro
Não adianta gritaria.

Quando na boca da noite
Na cama do anoitecer
Bacurau pega a cantar
Repetido a prometer
Que amanhã eu vou cedinho
Prepare o cafezinho
Dessa vez eu vou te ver.

Asa branca majestosa
Musa do rei do baião
Rolinha fogo pagou
A queimada no sertão
Coleirinha vale ouro
Visto casaca-de-couro
Pra coruja cavachão.

No carreiro da codorna:
O laço do caçador.
Se foi pega distraída
Faz papel de fingidor
Toda mole, desmaiada,
Quando solta, sai voada
Das garras do predador.

Nambu faz do mesmo modo
Quando é estilingada
Fica toda quietinha
Ali, na moita, agachada,
Pois na lei da natureza
Quem não usa a esperteza
Tem sentença decretada.

Urubu fiscal do céu
Está sempre de cobiça
Mestre rei farejador
Nunca voa com preguiça
Vigilante bem atento
Procurando o alimento
Um banquete de carniça.

Cada bicho faz seu canto
Com cuidado e carinho
Garrincha faz com gravetos
Boa parte com espinho
João de Barro é o oleiro
O mestrado engenheiro
Ao construir o seu ninho.

Maria-laço-de-fita
Fita-te de codinome
Cristinha ou tico-tico
Abre-fecha o sobrenome
Na região nordestina
A sua crista fascina
É por isso tanto nome.

Carcará, bicho papão,
Excelente explanador
Que de tudo se alimenta
Pra manter o seu vigor
Vira até um carnicheiro
Só basta sentir o cheiro
Onívoro predador.

Minha santa lavadeira
A gaivota te acalanta
E juro que juriti
Sabiá que não espanta.
Quando chega o mormaço
Tecerã faz um sanhaço
Cantoria que encanta.

O periquito-da-caatinga
Voa com papagaiada
Caburé abre o olho
Pra avistar a passarada
Ouvindo o pássaro preto
Cantando belo dueto
Com o galo na alvorada.

Pintassilgo em dois tons
Amarelado canário
Entretom meio sibite
Em tom negro aviário
Bem idêntico ao vim-vim
Repousando no jardim
Embeleza o cenário.

Nobre Martin pescador
Bem-te-vi-carrapateiro
Siriema também viu
O azulão-de-chiqueiro
Alma-de-gato a penar,
Sabiapoca a cantar,
Lá no éden catingueiro.

Iraúna-bico-branco
Alvinegro anu da cor
Pula n'água mergulhão
Que pica-pau é lenhador
Lasca o bico na madeira
Bico-de-ferro, peneira,
Com seu ofício picador.

Soldadinho-do-araripe
Papagaio-verdadeiro
Maracanã dona nobre
Tem-farinha-aí, formigueiro?
Para a jandaia-coquinho
Amarela no seu ninho
Bico-virado é cedeiro.

O rapazinho-dos-velhos
Dos anciãos, mais querido.
Sangue-de-boi é tão formoso
Que só vive perseguido,
Jacu e ararinha-azul
Só não sei jaó-do-sul
Se convive desprovido.

O socó só quer socar
O seu bico feito lança
É um esperto caçador
Que só quer encher a pança
Quando quer comer gostoso
Sobrevoa bem manhoso
Toda margem ele avança...

Com o crescimento urbano
A mata virou quintal
Na floresta de concreto
Povoou-se de pardal
Pombo virou inquilino
Xuré no seu desatino
Foi morar na capital.

O meu sertão tem de tudo
Tem tamanduá-bandeira
Calango-de-cauda-verde
Raposa na capoeira
Lagartixa e Gambá
Teiú, cutia e preá
Camaleão na madeira.

Late o cachorro-do-mato
Pra acuar o caçador
O porco-espinho atira
O seu arco espetador
O veado catingueiro
Só basta sentir o cheiro
Pra fugir do predador.

Lá no céu do mico-estrela
Galhos são constelação
Onça-parda é majestade
Gato-do-mato é barão
A capivara é sereia
Porco-do-mato lameia
Na cacimba do sertão.

Cobra-corre-campo-verde
Para encontrar o coral
Cascavel bate o chocalho
Pois seu veneno é mortal
Aperta mais que jiboia
Que cainana-arabóia
O seu cuspido é fatal.

A cobra é mencionada
À certo tipo de gente
Jararaca traiçoeira
De caráter de serpente
Que causa certo temor
Muçurana é uma flor
Que não mata e nem mente.

Quando a preguiça-de-chifres
Ver preguiça-de-coleira
Tatu-bola até se enrola
Com o tanto de leseira
Que tamanduá mirim
Tatupeba e guaxinim
Se agonia de cansaíra.

O morador do sertão
Não se abate com problema
Enfrenta a seca severa
Rasga no peito a jurema
Pra pegar touro no laço
Bode fujão no regaço
Ainda corre atrás de ema.

Quando a chuva cai no chão
Que floresce o pé de umbu
Alagadiço se inunda
Para o sapo cururu
Perereca contagia
Pulando de alegria
De Palma a Mandacaru.

Na mesa do nordestino
Apesar da vida dura
Não falta uma galinha
O doce da rapadura
Carne de sol com cuscuz
Até carne de avestruz
Vira e volta tem fartura.

Do boi não se perde nada
Do couro faz o gibão
Do chifre faz o berrante
Leite, queijo, requeijão,
Cela, bruaca, qualhada,
Ainda é rei da vaquejada
É manteiga para o pão.

Chico Velho São Francisco
Nosso tesouro sagrado
Alimenta os ribeirinhos
Com surubim e dourado
Mandi-amarelo, piranha,
Arribada quando assanha
Pega até mandi-capado.

Cari-preto, piau-carpa
Também piau-verdadeiro
Até caborje e traíra
Pocomon no lamaceiro
Ao jogar o anzol e a isca
Mantrixã logo belisca
Pro riso do beiradeiro.

Pinto não acompanha pato
Pra não morrer afogado
Saruê solta ruído
Sentindo-se ameaçado
Sapo-boi berra contente
No cair do sol poente
Pra pular mais animado.

Não existe pomba falsa
Mas existe a verdadeira
Tem a caldo-de-feijão
E da tribo da roleira
Jacaré-papo-amarelo
Do mais feio ao mais belo
A caatinga é um celeiro.

Perereca não dirige
Mas anda de capacete
Jagatirica não é cobra
Porém é alvo de cacete.
O mocó é bicho esperto
Só anda de olho aberto
Pra não cair no porrete.

Cobra-de-duas-cabeças
Não sabe se entra ou sai
Duas cabeças num corpo
Não sabe para onde vai
Parece mioca tonta
E quando o dedo aponta
Como gongo se contrai.

Quem disse que jegue é burro
Mija fora do penico
Não conhece o agreste
E só vive de fuxico
Para seu conhecimento
Cruzou égua e jumento
Mula é filha de jerico.

O nordeste brasileiro
De cultura e tradição
Tem bicho de toda espécie
Nos matagais do sertão
Tem na terra caminhando
E lá no ar sobrevoando
Animais do céu ao chão.

Ficha Técnica

Autoria: Erismar Andrade Oliveira

Curadoria: Museu Casa do Sertão, UEFS

Diagramação: Evandro do Nascimento Silva

Capa: Elizabete Carneiro da Silva

Produzida com manipulação de ferramenta de inteligência artificial generativa ChatGPT 4.0.

Erismar Andrade Oliveira é cordelista e repentista, natural de Anagé, Bahia. Sua terra natal dá origem a seu nome artístico, Fonzin de Anagé. Dezenas de cordéis são de sua autoria. Participa de feiras e festivais literários, divulgando sua obra, o cordel e a cultura nordestina.

Este cordel foi inscrito, selecionado e premiado na 1ª edição do Concurso Zoordel, realizado em 2020 pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O autor concordou com a cessão não exclusiva à UEFS dos direitos de uso desta obra.

A Central do Cordel é uma ação do Programa de Pesquisa em Biodiversidade do Semiárido. Seu objetivo é realizar a divulgação do conhecimento científico sobre a biodiversidade do semiárido brasileiro através de uma linguagem identificada com a cultura regional, grandiosamente representada pelo cordel. A Central do Cordel manterá um repositório de obras de cordel disponível de forma gratuita para o público em geral.

Incentivamos que este material seja utilizado de forma ampla por educadores em atividades educacionais formais e não formais, mas de forma criteriosa, com o rigor educacional e científico. Que essa linguagem reverdeje as consciências humanas para o compromisso com a conservação da sociobiodeversidade do nosso semiárido.

SAIBA MAIS





@ppbio_semiarido

<https://ppbiosemiarido.uefs.br>



Apoio:



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

